



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA

ZULEIDE DA CRUZ MARTINS

BIBLIOTERAPIA E LITERATURA INFANTIL: a influência da literatura no
luto infantil

RECIFE
2025

ZULEIDE DA CRUZ MARTINS

BIBLIOTERAPIA E LITERATURA INFANTIL: a influência da literatura no luto infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Lourival Pereira Pinto

Recife
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Martins, Zuleide da Cruz.

Biblioterapia e literatura infantil: a influência da literatura no luto infantil /
Zuleide da Cruz Martins. - Recife, 2025.

50 p. : il.

Orientador(a): Lourival Pereira Pinto

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Biblioteconomia, 2025.

Inclui referências.

1. Biblioterapia. 2. Literatura infantil. 3. Luto infantil. I. Pinto, Lourival
Pereira. (Orientação). II. Título.

020 CDD (22.ed.)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Ciência da Informação

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
FOLHA DE APROVAÇÃO

BIBLIOTERAPIA E LITERATURA INFANTIL: a influência da literatura no luto infantil

ZULEIDE DA CRUZ MARTINS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, apresentado no Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

TCC aprovado em 10 de dezembro de 2025

Banca Examinadora:

LOURIVAL PEREIRA PINTO - Orientador
Universidade Federal de Pernambuco - DCI

EDILENE MARIA DA SILVA – Examinadora 1
Universidade Federal de Pernambuco - DCI

NATANAEL VITOR SOBRAL - Examinador 2
Universidade Federal de Pernambuco - DCI

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu concluísse mais uma página desse livro que é minha vida. Sou eternamente por cada palavra e presença.

Agradeço à minha família: à minha avó Maria dos Prazeres (*in memoriam*), o ser que me inspirou a pensar neste tema e que sempre permanecerá viva em minhas memórias; à minha mãe, pelo incentivo constante e por nunca permitir que eu desistisse de mim; à minha prima Eduarda e à minha irmã Joclecia por serem meus apanizes e alegrias diárias.

Ao meu orientador Lourival, por ter aceitado me orientar nessa etapa e por ser um professor tão importante desde o início da graduação. Aos meus professores e membros da banca examinadora Edilene e Natanael pelos auxílios e incentivos ao longo da graduação.

Às minhas melhores amigas e irmãs de vida: Livia, que me acompanha desde o ensino médio, e Maria Eduarda, que começou comigo essa jornada na Biblioteconomia e desde então sempre esteve ao meu lado. E ao Neydson Filho, meu amigo virtual mais longo. Aprendo com vocês todos os dias. Obrigada por serem quem são, por me inspirarem, me ensinarem e por não me deixarem que eu desistisse.

À minha gata Kiki, por permitir diariamente que eu faça carinho nela, liberando ocitocina, o que me ajudou a seguir. E ao Justin Bieber, por fazer parte da minha vida desde que eu era uma *baby*, ser sua fã sempre me trouxe conforto.

Agradeço também ao Adrião, meu Adrizito. O sol que iluminou este ano e que iluminará todos os próximos. Obrigada por ser o melhor amigo, namorado e parceiro de vida que eu poderia ter. Obrigada por acreditar em mim e me mostrar que sou forte e capaz. Estar contigo sempre fará sentido.

E, por último, mas não menos importante, agradeço a mim mesma, Zuleide. Obrigada por continuar. Por acreditar em você, mesmo quando parecia muito difícil. E por ter percebido que a vida vale a pena ser vivida.

RESUMO

Este estudo investigou como a biblioterapia pode utilizar a literatura infantil para auxiliar crianças no processo de luto. A motivação do estudo consiste na necessidade de oferecer suporte em um contexto delicado, já que o luto infantil é um tema pouco discutido nos espaços familiares, escolares e acadêmicos. O estudo buscou compreender o conceito de biblioterapia, apurar a aplicação da literatura infantil no luto e apresentar exemplos de livros para aplicação biblioterapêutica. A biblioterapia é compreendida como uma prática que utiliza a leitura, contação de histórias e outros materiais para promover o bem-estar emocional e cognitivo. Metodologicamente, a pesquisa é de natureza qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, realizada por meio de revisão bibliográfica. Foram analisadas quatro obras literárias infantis, sob critérios como enredo, personagens, linguagem, ilustração e mensagem simbólica. A análise revelou que essas narrativas oferecem à criança a oportunidade de conseguir elaborar seus sentimentos. Conclui-se que a biblioterapia, quando conduzida de forma sensível, transforma a literatura infantil em um recurso essencial para o desenvolvimento emocional, reafirmando o papel do bibliotecário como mediador da leitura e agente de transformação.

Palavras-chave: biblioterapia; literatura infantil; luto infantil.

ABSTRACT

This study investigated how bibliotherapy can use children's literature to help children through the grieving process. The motivation for the study lies in the need to offer support in a delicate context, since childhood grief is a topic rarely discussed in family, school, and academic settings. The study sought to understand the concept of bibliotherapy, to investigate the application of children's literature in grief, and to present examples of books for bibliotherapeutic application. Bibliotherapy is understood as a practice that uses reading, storytelling, and other materials to promote emotional and cognitive well-being. Methodologically, the research is qualitative in nature, with an exploratory and descriptive character, carried out through a literature review. Four children's literary works were analyzed, based on criteria such as plot, characters, language, illustration, and symbolic message. The analysis revealed that these narratives offer children the opportunity to process their feelings. It can be concluded that bibliotherapy, when conducted sensitively, transforms children's literature into an essential resource for emotional development, reaffirming the librarian's role as a mediator of reading and an agent of transformation.

Keywords: bibliotherapy; children's literature; childhood grief.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Conceitos de Biblioterapia.....	13
Quadro 2 - Objetivos específicos.....	33
Quadro 3 - Obras e seus resumos.....	36
Figura 1 - Capa ‘ Ficar triste não é ruim’	37
Figura 2 - Capa ‘Menina Nina’	38
Figura 3 - Capa ‘O pato, a morte e a tulipa’	39
Figura 4 - Capa ‘Tanta chuva no céu’	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 BIBLIOTERAPIA.....	12
2.1 Aplicações e tipos de biblioterapia.....	15
2.2 O papel do bibliotecário na biblioterapia.....	17
3 LITERATURA INFANTIL COMO UM RECURSO BIBLIOTERAPÊUTICO.....	20
3.1 A literatura infantil como um recurso para falar sobre, a morte, o luto e perdas.....	23
4 O LUTO NA INFÂNCIA E A LITERATURA INFANTIL.....	26
4.1 Como a literatura infantil ajuda a criança a elaborar o luto.....	29
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
6 A BIBLIOTERAPIA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE DE OBRAS.....	34
6.1 Análise das obras.....	35
6.1.1 Ficar triste não é ruim: como uma criança pode enfrentar uma situação de perda.....	38
6.1.2 Menina Nina: duas razões para não chorar.....	39
6.1.3 O pato, a morte e a tulipa.....	40
6.1.4 Tanta chuva no céu.....	41
6.2 Interpretação dos resultados.....	42
6.2.1 Mediação de Ficar triste não é ruim: como uma criança pode enfrentar uma situação de perda.....	42
6.2.2 Mediação de Menina Nina: duas razões para não chorar.....	43
6.2.3 Mediação O pato, a morte e a tulipa.....	44
6.2.4 Mediação Tanta chuva no céu.....	44
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Desde que conheci a biblioterapia, senti que era sobre isso que eu gostaria de escrever. Foi durante a disciplina eletiva de Tipologias de Bibliotecas, em 2021, em meio à pandemia e aulas remotas, que a professora Sônia mencionou brevemente o termo “biblioterapia”. Embora tenha sido apenas uma citação rápida, aquela palavra ficou gravada em minha mente.

Assim que a aula terminou, busquei mais informações sobre o tema e, quando entendi do que realmente se tratava, tive a certeza de que havia encontrado o assunto do meu trabalho. Desde então, procurei formas de relacionar a biblioterapia a outras temáticas que também me tocavam. Muitas ideias passaram pela minha mente, mas nenhuma parecia ser sobre o que eu realmente queria escrever.

Foi ao refletir sobre minhas próprias experiências de vida que percebi que, mesmo sem saber, já havia vivenciado momentos de biblioterapia. Aos 11 anos de idade, vivi um processo de luto ao perder minha avó, uma pessoa de extrema importância na minha formação como ser humano e responsável pelos meus primeiros contatos com a narrativa oral. Foi ela quem me criou e me apresentou o poder das histórias.

Dona Maria dos Prazeres, uma mulher que estudou até a quarta série, foi quem despertou em mim o prazer pela leitura, mesmo sem nunca ter lido um livro para mim. Todas as noites, antes de dormirmos, ela usava sua imaginação e narrativa para me conduzir a outros mundos sem sair da cama, através de histórias que criava. Histórias essas que estimulavam minha fantasia e imaginação.

Mais tarde, percebi que minha avó, sem saber, aplicava princípios da biblioterapia. A contação de histórias é uma forma de incentivo à leitura e também um recurso importante nas práticas biblioterapêuticas.

Para além da leitura de texto, a biblioterapia utiliza a contação de histórias, já que envolve a expressão de emoções, a interpretação de quem as conta e a identificação de quem as ouve. Essa experiência marcou minha relação com a leitura e me fez compreender o quanto a literatura pode ser um abrigo e um elo para lidar com a dor.

De forma geral, a biblioterapia pode ser compreendida como uma prática que utiliza a leitura de forma orientada para auxiliar no bem-estar emocional e cognitivo. Porém, ao longo da minha trajetória acadêmica, percebi que esse tema ainda é pouco explorado na área da Biblioteconomia, mesmo considerando o papel essencial que os bibliotecários podem exercer como mediadores dessa prática.

Em contextos delicados, como o luto infantil, a literatura pode servir como um instrumento para ajudar as crianças a compreenderem a perda e elaborarem seus sentimentos de forma mais saudável.

Diante disso, este trabalho parte do seguinte **problema de pesquisa**: como a biblioterapia, por meio da literatura infantil, pode auxiliar crianças no processo de luto?

A partir dessa questão, este trabalho tem como **objetivo geral**: investigar como a literatura infantil pode ser utilizada na biblioterapia para auxiliar crianças em processo de luto. Os **objetivos específicos** são:

- a) compreender o conceito de biblioterapia e sua aplicação no desenvolvimento infantil;
- b) apurar como a literatura infantil pode ser utilizada na biblioterapia para auxiliar crianças em processo de luto;
- c) apresentar exemplos de livros infantis que abordam o tema do luto e sua possível aplicação biblioterapêutica.

A motivação para este trabalho nasce, em parte, de uma vivência pessoal com a perda e com o acolhimento simbólico que a narrativa pode oferecer. O luto infantil, embora seja uma experiência comum, ainda é um tema pouco discutido nos espaços escolares, familiares e acadêmicos. Muitas crianças enfrentam perdas significativas sem contar com o suporte emocional adequado, o que pode comprometer seu desenvolvimento emocional.

A literatura infantil apresenta-se como um instrumento poderoso para tratar simbolicamente temas difíceis como a morte e o luto. Ao mesmo tempo, a biblioterapia consolida-se como uma prática de mediação da leitura capaz de promover conforto, empatia e ressignificação da dor. Na interseção entre a biblioterapia e a literatura, é possível construir espaços seguros de escuta, expressão e elaboração emocional para crianças em sofrimento.

Dessa forma, este trabalho busca contribuir com a ampliação das discussões sobre o papel do bibliotecário como mediador da prática de biblioterapia, propondo reflexões sobre sua atuação como agente de acolhimento, escuta e transformação social.

Os principais temas estudados nesta pesquisa foram apresentados nas seções teóricas, onde:

Na seção 2 apresenta os fundamentos teóricos da biblioterapia, sua origem, aplicações e o papel do bibliotecário, com bases em autores como Caldin e Ouaknin.

Na seção 3 aborda a literatura infantil, suas características e potencial simbólico no desenvolvimento emocional da criança, tendo como base os autores Ariès, Paiva e Lajolo e Zilberman.

Na seção 4 discute o luto na infância, suas particularidades e impactos, com base nas autoras como Paiva e Torres.

2 BIBLIOTERAPIA

A biblioterapia é uma prática que utiliza textos literários como ferramenta terapêutica para apoio emocional e psicológico. Seu uso remonta à Antiguidade, quando a leitura era vista como um ato de cura. Na Grécia Antiga e na Índia, a leitura já era associada ao poder de cura, sendo utilizada como um recurso terapêutico.

De acordo com Ratton (1975) o termo “biblioterapia” teve sua definição registrada em um dicionário médico em 1941, o Dorland's Illustrated Medical Dictionary definiu-o como “o uso de livros e da leitura no tratamento de doenças mentais”.

Em 1961, o Webster's Third International Dictionary incluiu o termo fora de um contexto médico. O dicionário o descreveu como “uso de material de leitura selecionado como adjuvante terapêutico em medicina e psicologia” e também como “guia para a solução de problemas pessoais através da leitura dirigida.”

Apesar do termo ter se popularizado apenas no século XX, há registros que suas primeiras aplicações práticas ocorreram entre 1802 e 1853, quando médicos norte-americanos passaram a indicar leituras específicas a pacientes hospitalizados. Esses profissionais perceberam na leitura um recurso terapêutico, selecionando obras de forma criteriosa e adequada à necessidade individual de cada paciente. Assim, a leitura passou a ser vista como uma aliada no processo de tratamento de cura.

Conforme Ouaknin (1996, p. 11), “a palavra ‘Biblioterapia’ é composta por dois termos de origem grega, βιβλιΟ e θεραπεία, ‘livro’ e ‘terapia’. ‘Biblioterapia’ é a terapia por meio de livros”. Cunha e Cavalcanti (2008, p. 55) introduzem a biblioterapia como a “utilização de livros e outros materiais de leitura direcionada e planejada para auxílio no tratamento de problemas mentais e emocionais, bem como desajustes sociais.”

Para Caldin (2009), a biblioterapia vai além do ato da leitura de textos literários, narração ou dramatização. É uma prática que envolve também as reflexões e comentários decorrentes que surgem a partir das experiências pessoais do leitor ou ouvinte, em diálogo com a interpretação do autor. Assim, o processo não se limita à leitura do texto original, mas se expande para a construção de novos significados, derivados da interação entre participantes. Dessa forma, configura-se como uma troca de vivências que preserva a individualidade de cada sujeito.

Então, mais do que apenas um momento de leitura, a biblioterapia vai além da utilização de livros, podendo incluir conversas acolhedoras e até atividades criativas, como ilustrações, desenhos ou pequenos relatos. Essas ações permitem que cada indivíduo encontre

uma forma de expressar suas emoções. Dessa forma, a literatura pode atuar como um recurso terapêutico ativo, capaz de proporcionar compreensão emocional e sensação de acolhimento.

Diante das definições sobre biblioterapia, Rosa (2006) apresenta algumas dessas no Quadro 1, destacando o entendimento de autores que enfatizam tanto a dimensão terapêutica quanto a social da prática.

Quadro 1 - Conceitos de Biblioterapia

Autores	Conceitos de Biblioterapia
Alice Bryan	É a prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental.
L. H. Tweffort	É um método subsidiário da Psicoterapia; um auxílio no tratamento que, através da leitura, busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros, resultando em um melhor ajustamento à vida.
Kenneth Appel	É o uso de livros, artigos e panfletos como coadjuvantes no tratamento Psiquiátrico.
Louise Rosenblatt	É uma ajuda para o ajustamento social e pessoal; a literatura imaginativa é útil para ajustar o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como em conflitos com os outros. Como o pensamento e sentimento estão interligados, o processo de pensamento reflexivo estimulado pela leitura é um prelúdio para a ação.
Orsini	É uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais.
Matthews e Lonsdale	Constitui-se em uma terapia de leitura imaginativa, que compreende a identificação com uma personagem, a projeção, a introspecção e a catarse.
Caldin	É a leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios.

Fonte: Rosa (2006, p. 17)

Mesmo diante de tantos conceitos, muitos pesquisadores concordam que a biblioterapia trata-se de uma possibilidade de cura que utiliza a leitura para ajudar no processo de autoconhecimento, equilíbrio emocional e restabelecimento do bem-estar. E para isso, recomenda-se o uso materiais que dialoguem com a causa do problema ou emoção, permitindo que o indivíduo possa reconhecer seus sentimentos, refletir sobre eles e desenvolver como compreender e lidar com a dor.

De acordo com as conceituações, a biblioterapia pode ser entendida como uma prática utilizada para promover tanto o crescimento pessoal quanto a integração social, mesmo que

existam definições divergentes todas têm em comum a ideia de oferecer suporte e cuidado às pessoas através da leitura. Seu conceito está fundamentado na ideia de que a literatura pode ser um meio de transformação e cura, possibilitando ao leitor um espaço seguro para reflexão e identificação com personagens e narrativas.

É importante saber que a leitura deve ser compreendida muito além do que a mera decodificação simplista de signos escritos, pois, ler é também decifrar o mundo, interpretar símbolos, gestos, sons e emoções.

Já a terapia, de uma forma geral, pode ser entendida como cuidado, acolhimento e busca pela cura. Ouaknin (1996, p. 12) reforça essa ideia ao afirmar que “a palavra ‘terapia’ tem essencialmente um sentido curativo. O remédio e o médico vêm para ‘reparar’ uma ‘fratura’ do corpo, do espírito ou da alma”. Desse modo, a biblioterapia pode ser vista como um processo que une leitura e cuidado, permitindo ao indivíduo restaurar partes de si por meio do contato com a palavra e com a escuta sensível.

Na biblioterapia, o mais importante é criar um espaço em que o leitor ou ouvinte se sinta livre para identificar-se com qualquer personagem, em qualquer parte da história. Essa identificação, que nasce de forma espontânea, ajuda na construção da própria identidade e na compreensão das emoções.

Caldin (2009) destaca os três elementos essenciais para o funcionamento da biblioterapia, e cada um deles tem um papel importante no processo de cuidado. A catarse, a identificação, e a introspecção. Conforme a autora:

Ao articular o literário com a biblioterapia, parte-se do pressuposto que o ser humano se envolve emocionalmente com o texto ficcional. Assim, a leitura (narração ou dramatização, por extensão) pode proporcionar: a catarse, na medida em que libera emoções; a identificação com as personagens, no momento em que o sujeito assimila um atributo do outro ficcional; e a introspecção, ou seja, a educação das emoções. (CALDIN, 2009, p. 11)

Na biblioterapia, o processo de introspecção é algo que se desenvolve apenas em fases mais maduras da vida. Segundo Caldin (2009, p. 190), “é um objetivo a ser atingido apenas por crianças na pré-adolescência, adolescentes, jovens e adultos considerados saudáveis, tanto física quanto mentalmente”. Isso significa que crianças muito pequenas, ainda não possuem maturidade suficiente para refletir profundamente sobre suas próprias emoções, o que faz com que a introspecção, nesse caso, aconteça de forma mais simbólica.

A biblioterapia é sobre o encontro entre a palavra e a alma, cada leitura tem um potencial de cura diferente, porque cada pessoa interpreta a partir do que viveu, sente e do que ainda não compreende em si.

Quando o leitor ou ouvinte consegue encontrar-se na história identificando-se com personagens ele sente como se não estivesse sozinho, que aquilo que ele está passando outras pessoas já passaram, mas o mais importante é que sempre passa. E, são nesses momentos que a leitura cumpre seu papel terapêutico acolhendo e ajudando a dar nomes para o que estamos sentindo.

Essa é uma das maiores capacidades da literatura fazer com que as dores consigam ser ditas e compartilhadas. Assim, a biblioterapia não se apresenta como uma cura imediata, mas como um processo de cuidado contínuo. É a partir dessa compreensão que se pode pensar nas diferentes formas de aplicar a biblioterapia, cada uma com suas especificidades, mas todas com o mesmo objetivo: usar o poder das palavras para o autoconhecimento e o equilíbrio emocional.

2.1 Aplicações e tipos de biblioterapia

A biblioterapia tem encontrado espaços em diferentes contextos, como casas de repouso, escolas, hospitais, prisões, bibliotecas e até em práticas terapêuticas individuais e coletivas. Em todos esses ambientes, o poder da leitura se revela proporcionando momentos de conforto, reflexão e bem-estar.

A biblioterapia pode ser aplicada a diferentes perfis de pessoas. Como afirma Ratton (1975, p. 199-200), sua aplicação pode acontecer “na profilaxia, educação, reabilitação e na terapia propriamente dita, em indivíduos nas diversas faixas etárias com doenças físicas ou mentais”.

Seitz (2006) realizou um estudo com pacientes internados em uma clínica médica. O objetivo era compreender como esses pacientes percebiam a leitura enquanto atividade de lazer durante o período de internação. Os resultados mostraram que a leitura pode ter um papel muito humanizador nesse contexto, transformando o tempo de hospitalização em uma experiência menos fria e mais acolhedora.

Silva e Fernandes (2023) fizeram uma revisão integrativa de literatura de 2019 a 2021 indicou que a prática biblioterapêutica tem sido aplicada em ambientes escolares, comunitários e de saúde, com efeitos positivos sobre o bem-estar emocional e a qualidade de vida dos participantes.

Bueno e Caldin (2002) analisaram diferentes projetos de leitura com finalidade terapêutica realizados em hospitais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com o objetivo de humanizar o ambiente hospitalar e tornar os procedimentos menos traumáticos para as crianças.

Cruz (1995) realizou um trabalho com adolescentes de escolas públicas da periferia buscando compreender suas condições de leitura e estudo. A metodologia utilizada envolveu momentos de leitura oral seguidos da produção de textos pelos próprios alunos.

Esses estudos demonstram que a biblioterapia, quando bem conduzida por profissionais capacitados, pode ser um recurso eficaz para lidar com emoções complexas e auxiliar em momentos de crise. Assim, percebe-se seu potencial de adaptação para diferentes públicos e contextos, inclusive no acolhimento de crianças em situação de luto. Petit (2013, p. 68),

Na literatura há algo mais do que o prazer, algo que é da ordem de um ‘trabalho psíquico’ [...] que permite encontrar um vínculo com aquilo que nos constitui, que nos dá lugar, que nos dá vida. [...] Quando a pessoa se sente despedaçada, quando o corpo é atingido, angústias e fantasias arcaicas são despertadas, e a reconstrução de uma representação de si, de sua interioridade, pode ser vital. E, nas leituras, ou também na contemplação de obras de arte, há algo que pode ser profundamente reparador.

A literatura permite ao leitor o descobrimento de lugares nunca vistos antes e o acesso a uma dimensão capaz de oferecer alívio e calma diante da realidade. A leitura atua como uma poderosa ferramenta terapêutica, onde é capaz de fornecer conforto, alívio diante de dificuldades e auxiliando para a estabilidade emocional quando utilizada de forma terapêutica.

De modo geral, a biblioterapia é dividida em diferentes abordagens, dependendo do contexto e do público-alvo. As três mais conhecidas são: a biblioterapia clínica, a biblioterapia institucional e a biblioterapia desenvolvimental. Sendo a clínica, executada primordialmente por psicólogos clínicos; a institucional por equipes multidisciplinares; e a desenvolvimental por bibliotecários. De acordo com Marcinko (1989, apud Ferreira, 2003), essas modalidades são conceituadas da seguinte forma:

1. Biblioterapia clínica: é destinada às pessoas com sérios problemas de comportamento social, emocional, moral etc. Sua aplicação tem sido predominantemente em instituições de saúde, como hospitais, clínicas, organizações de saúde mental, embora

ocorra também em clínicas privadas. É aplicada através de programas muito bem estruturados e que envolvem psicoterapeutas, médicos e bibliotecários.

2. Biblioterapia institucional: é um tipo de auxílio aplicado em grupo ou individual e personalizado que uma instituição presta, através de uma equipe de profissionais, aos seus usuários, enfocando aspectos das doenças mentais, distúrbios de comportamento, ajustamento e desenvolvimento pessoal, fornecendo literatura sobre o assunto. Este material é usado nas sessões, devendo ser aplicado por um conjunto de profissionais, que inclua um bibliotecário treinado e acompanhamento de profissionais de saúde ou educação, dependendo do tipo de trabalho a ser feito. O seu objetivo é prestar informação ao usuário e esclarecê-lo sobre um problema específico, ajudá-lo na tomada de decisão e reorientação de seu comportamento conforme o objetivo definido para o trabalho.

3. Biblioterapia desenvolvimental: é descrita como apoio literário personalizado para possibilitar um desenvolvimento normal e progressivo da pessoa que procurou por ajuda. Pode ser aplicada em caráter preventivo e corretivo. Também pode ser usada sob a forma de tratamento grupal. É indicada para aplicação em instituições educacionais.

Por mais que a biblioterapia de desenvolvimento seja frequentemente conduzida por bibliotecários, trata-se de uma prática essencialmente interdisciplinar que se faz necessária a participação de outros profissionais.

Caldin (2009) destaca a importância da colaboração entre diferentes profissionais de acordo com o ambiente em que a biblioterapia é aplicada. Em contextos hospitalares, por exemplo, recomenda-se a presença de profissionais da saúde; em espaços educacionais, a atuação conjunta de educadores; e, em instituições como prisões ou centros comunitários o apoio de assistentes sociais. Essa colaboração entre diferentes áreas mostra como a leitura pode se tornar um ato de cuidado e sensibilidade.

2.2 O papel do bibliotecário na biblioterapia

A execução do bibliotecário dentro da biblioterapia está ligada à sua função como mediador, não somente da informação, mas também das experiências humanas que a leitura

desperta. Mais do que a indicação dos livros, esse profissional é alguém capaz de criar pontes entre o leitor e o texto, conduzindo o encontro de forma sensível e intencional.

O bibliotecário, ao exercer esse papel, torna-se um agente de transformação social e individual. Por meio da literatura, ele promove o acesso à informação, mas também o cuidado, acolhimento e a escuta.

Na prática biblioterapêutica, o bibliotecário atua como facilitador do processo de encontro entre o livro e o leitor, oferecendo um ambiente de confiança onde o indivíduo possa refletir, expressar suas emoções e se transformar por meio da leitura. Para isso é essencial que o mediador tenha sensibilidade para compreender o momento de cada pessoa e perspicácia para escolher obras que dialoguem com suas vivências e necessidades.

Carvalho (2010) aponta que, inicialmente, a leitura era um meio de entretenimento para diferentes públicos, mas, com o tempo, passou a ser reconhecida como uma ferramenta terapêutica, sendo incorporada em diversos contextos ao longo da história. Nesse sentido, o bibliotecário, como mediador de leitura, pode atuar de forma significativa na disseminação da leitura com propósitos terapêuticos, indo além da organização de acervos e se colocando como um agente de transformação na vida das pessoas.

Também é importante que esse profissional mantenha uma postura ética e respeitosa, sem impor suas próprias opiniões ou crenças. A mediação deve sempre nascer do diálogo, da escuta atenta e da empatia, permitindo que o leitor conduza sua própria experiência com o texto.

Nesse sentido, a biblioterapia amplia o papel tradicional do bibliotecário, reafirmando sua dimensão humana e cultural. Ele deixa de ser apenas o guardião do conhecimento e passa a ser alguém que cuida. Através dessa prática, o bibliotecário se torna mediador de sentidos, alguém que, ao unir o livro e o leitor, ajuda a reconstruir histórias e a despertar novos olhares sobre si e sobre o mundo.

A orientação do biblioterapeuta precisa sempre partir do olhar sensível sobre quem vai ler ou ouvir as histórias. Antes de indicar qualquer livro, é necessário compreender o estado emocional e psicológico do leitor/ouvinte, reconhecendo que cada pessoa tem um tempo, uma história de vida e um modo próprio de sentir.

Mais do que escolher títulos, o bibliotecário precisa entender o conteúdo das obras, entender os possíveis gatilhos presentes nelas e refletir se aquele texto pode acolher ou causar mais dor. Segundo Cândido (2011, p. 176) “por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco”.

Por isso, a mediação não pode ser vista como algo neutro, automático ou unicamente técnico. Mediar uma leitura é escutar, observar e estar disponível. É entender as necessidades e os limites do outro. O papel do bibliotecário, nesse contexto, é o de um cuidador através das palavras, alguém que facilita o encontro entre o leitor e o livro certo, no momento certo.

O trabalho do bibliotecário mediador deve ser feito com delicadeza e responsabilidade. Mediar não é apenas entregar um livro, é acompanhar o processo, respeitar o silêncio e reconhecer os limites do que não está no momento de ser compartilhado. É compreender que cada leitura é única, assim como cada leitor, e que a biblioterapia é, antes de tudo, um espaço de escuta, acolhimento e cuidado.

Ao longo deste capítulo, foi possível compreender que a biblioterapia é uma prática que une leitura, emoção e autoconhecimento. Mais do que uma técnica, ela se configura como um gesto de cuidado. Seja em hospitais, escolas ou bibliotecas, a leitura mostra-se uma ferramenta capaz de restaurar vínculos, aliviar dores internas e inspirar novas formas de compreender a vida.

Diante dessa perspectiva, torna-se fundamental refletir sobre o potencial da literatura infantil como instrumento de apoio emocional. As histórias destinadas às crianças, quando escolhidas de forma sensível, têm o poder de abordar temas delicados com leveza e empatia.

Por meio de contos, fábulas e narrativas simbólicas, as crianças podem reconhecer e elaborar emoções difíceis, encontrando conforto nas palavras e se identificando com personagens que também estão passando por situações semelhantes. Segundo Ratton (1975, p. 208),

A ampliação do ambiente e a possibilidade de experimentar sentimentos e emoções em completa segurança são os maiores benefícios proporcionados às crianças pelo livro. Essa experiência obtida de maneira indireta é importante para fazê-la acostumar-se com as situações sem incorrer nos riscos que a atuação implicaria, e atenuar os possíveis impactos diante de uma experiência concreta.

Essa ideia reforça como é essencial abrir espaço para conversar com as crianças sobre temas delicados, inclusive aqueles que costumam ser evitados, como a morte. Quando esses assuntos são apresentados de forma sensível e mediada por histórias, a criança consegue construir uma base emocional mais sólida, o que pode ajudá-la a lidar melhor com situações difíceis no futuro. Assim, o próximo capítulo abordará a literatura infantil como recurso biblioterapêutico, destacando sua função formativa e afetiva no processo de mediação de leitura.

3 LITERATURA INFANTIL COMO UM RECURSO BIBLIOTERAPÊUTICO

A literatura sempre acompanhou o ser humano, desde os primeiros registros de histórias até os livros que lemos hoje. Ela atravessa o tempo como uma forma de expressão, ensinando, emocionando e entretendo. Mais do que um produto cultural, a literatura é um espaço de liberdade e de imaginação, revelando novas formas de perceber o mundo e compreender a si mesmo.

Quando falamos de literatura infantil, tudo isso ganha ainda mais importância. As histórias que ouvimos ou lemos quando crianças ajudam diretamente a formação emocional, cognitiva e social, despertando nossa imaginação e moldando nosso modo de ver o mundo.

Desde muito cedo, os livros oferecem diferentes formas de entender emoções, reconhecer conflitos e desenvolver uma visão mais sensível do mundo. Cada história, personagem ou ilustração cria oportunidades para que a criança exerça sua capacidade interpretativa, elaborando seus próprios sentimentos.

Além disso, a literatura infantil funciona como mediadora das relações da criança com o mundo adulto. Ela constrói pontes entre gerações, favorece diálogos que talvez não acontecessem naturalmente e permite que temas sensíveis sejam abordados de forma sensível.

Paiva (2011) destaca que a literatura abre caminhos importantes para lidar com assuntos difíceis, pois possibilita reflexões, questionamentos e, por vezes, oferece respostas sobre temas como sofrimento, morte e luto. Para a autora, não existe idade certa para que tais conversas aconteçam, a literatura infantil pode acompanhar a criança em qualquer fase.

A biblioterapia reconhece esse potencial. Por meio da leitura, trabalha emoções, conflitos internos e experiências marcantes. Para as crianças, isso é ainda mais valioso, pois elas encontram nas histórias um exercício de imaginação que as ajuda a lidar com realidades muitas vezes difíceis de compreender.

É justamente por isso que, ao falar sobre literatura infantil como recurso biblioterapêutico, não falamos apenas de leitura, mas de cuidado. Cuidado com a emoção e com o desenvolvimento integral da criança. E é a partir dessa base que se torna possível compreender a importância histórica e social da literatura infantil destinada à infância.

A literatura infantil tem origem na Europa, mas como aponta Cademartori (1986), já existiam obras destinadas às crianças antes mesmo do século XVIII. A consolidação da literatura infantil como um campo próprio está ligada ao surgimento da sociedade burguesa, período em que a leitura passou a ocupar um papel central na vida social, alcançando tanto adultos quanto crianças. Como observa as autoras Lajolo e Zilberman (1996),

Se é certo que leitores sempre existiram em todas as sociedades nas quais a escrita se consolidou enquanto código, como se sabe a propósito dos gregos, só existe o leitor, enquanto papel de materialidade histórica, e a leitura enquanto prática coletiva, em sociedades de recorte burguês, onde se verifica no todo ou em parte uma economia capitalista. Esta se concretiza em empresas industriais, comerciais e financeiras, na vitalidade do mercado consumidor e na valorização da família, do trabalho e da educação.

A história da literatura infantil anda lado a lado com a forma como a sociedade percebe a criança, e essa visão foi mudando muito ao longo do tempo. A ideia de que a criança é um ser com necessidades, interesses e modos próprios de pensar é relativamente recente. E essa mudança de olhar foi o que abriu espaço para o surgimento de produção literária voltada para o público infantil.

Conforme Mendes e Velosa (2016), a literatura infantil, enquanto possui grande valor formativo e pode atuar como um importante recurso pedagógico importante capaz de estimular a reflexão e o pensamento crítico da criança em relação a si própria e ao mundo que a rodeia. Assim, ela não é apenas entretenimento, é parte do desenvolvimento emocional e intelectual da criança.

Antes disso, porém, é importante lembrar que a infância nem sempre foi vista como uma fase distinta da vida. Até o século XVI não havia uma separação clara entre o mundo infantil e o adulto. Foi apenas na Idade Moderna que surgiu uma nova concepção de infância, marcada pela ideia de que as crianças possuíam necessidades, interesses e modos de pensar diferentes.

As crianças eram vistas como “mini adultos”, abandonadas tanto pela sociedade quanto pela família, elas não eram reconhecidas como parte de nenhum grupo social e não tinham acesso a cuidados básicos, como saúde ou educação. De acordo com Ariès (1981), no período medieval praticamente não existia sentimentos voltados especificamente para a infância. Segundo o autor,

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento da infância não existia-o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças. Corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condição de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes. (p. 99)

Além disso, a consolidação de um novo modelo de família, mais íntima, afetiva e voltada ao cuidado das crianças, contribuiu para transformar a infância em uma fase digna de atenção e proteção. Como afirma Zilberman (1989),

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros.

Essa mudança na forma de enxergar a infância abriu caminho para uma nova forma de se comunicar com as crianças. A literatura passou a reconhecer o olhar infantil como legítimo, digno de ser ouvido e acolhido. Deixar de tratar a criança como um “adulto em miniatura” permitiu que os livros se tornassem espaços de imaginação, acolhimento e aprendizado, capazes de traduzir sentimentos que as palavras cotidianas ainda não conseguiam expressar.

Como observa Barros (2013, apud Costa, 2020, p. 9), a “revolução social imposta pelas guerras, que modificaram os costumes entre a Idade Média e os tempos modernos, criou uma compreensão da particularidade da infância e sua importância tanto moral como social”.

Com isso, surgiram as primeiras obras voltadas para crianças, inicialmente com forte caráter moralizante e educativo. Com o tempo, a literatura infantil ampliou seu horizonte, incorporando elementos artísticos, lúdicos e afetivos, passando a valorizar a sensibilidade e o desenvolvimento emocional da criança.

De acordo com Cademartori (1986) os estudos sobre literatura voltada à infância começaram a ganhar força no cenário europeu por volta do século XVIII, quando surgiram as primeiras obras pensadas especificamente para crianças. Charles Perrault se destacou como um dos pioneiros ao produzir textos direcionados ao público infantil.

No Brasil, apenas no século XIX começaram a circular livros nacionais destinados ao público infantil, embora a maior parte deles ainda fossem traduções ou adaptações de obras europeias, principalmente de origem portuguesa. Mais tarde, entre a segunda metade do século XIX e o início do XX, autores brasileiros passaram a produzir obras originais para crianças, influenciados pela ideia burguesa de que a literatura tinha função pedagógica tanto dentro quanto fora da escola.

Hoje, a literatura infantil é reconhecida como um campo fundamental para a formação humana e também como um recurso valioso para práticas biblioterapêuticas que buscam atender às necessidades subjetivas da infância.

3.1 A literatura infantil como um recurso para falar sobre, a morte, o luto e perdas

O desenvolvimento socioemocional é um aspecto fundamental na formação da criança, influenciando sua maneira de agir, sentir, pensar e se relacionar. Crescer não é apenas desenvolver habilidades cognitivas; é aprender a lidar com emoções, conflitos internos e as mudanças inevitáveis da vida. Nesse processo, a literatura infantil assume um papel significativo.

De acordo com Vygotsky (1991), o desenvolvimento humano ocorre a partir das interações sociais, culturais e afetivas. A criança aprende, sente e se transforma por meio das relações que estabelece com o mundo à sua volta. As histórias apresentam emoções de forma simbólica, permitindo que a criança compreenda sentimentos complexos através de narrativas acessíveis e significativas.

A literatura infantil auxilia nesse processo, especialmente na elaboração emocional. Almeida (2017) destaca que a regulação emocional implica não só reconhecer as próprias emoções, mas também saber lidar com elas. A literatura contribui diretamente nesse processo, pois as crianças conseguem, através dos personagens, identificar emoções semelhantes às que vivem e encontrar modos de expressá-las.

Além disso, ao entrar em contato com situações fictícias que refletem a vida real, a criança desenvolve empatia e aprende que emoções como tristeza, medo ou frustração fazem parte da vida.

Mais do que imaginação ou diversão, os contos carregam um grande valor simbólico. Eles contribuem tanto para o desenvolvimento criativo quanto para a formação emocional saudável da criança. Esses contos são fundamentais porque, mesmo quando parecem apenas histórias simples ou fantasiosas, na verdade trazem “uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a nossa vida”. (COELHO, 1987, p. 9)

Bettelheim (1978) aponta que os contos fantásticos têm um papel importante no desenvolvimento emocional da criança, ajudando-a a compreender seus próprios conflitos. Segundo ele, essas narrativas oferecem imagens simbólicas “com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida”.

Entender as emoções é o primeiro passo para lidar com elas de forma saudável e expressá-las de modo que os outros também possam compreender. Desse modo, a literatura infantil favorece a expressão emocional, a empatia e o autoconhecimento, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança. Através dela, a criança encontra um espaço seguro para sentir, imaginar e compreender o mundo.

A morte, entretanto, permanece como tema delicado e muitas vezes evitado. Quando ela chega, muitas vezes encontra adultos despreparados e crianças silenciosas, tentando entender o que mudou.

A literatura infantil, nessas horas, se revela como um recurso essencial quando o assunto é educar sobre a morte e acolher o luto infantil. As histórias que tratam desse tema ajudam as crianças a compreender ideias complexas, como perda, separação, tristeza e finitude. Por meio de palavras e imagens sensíveis, as narrativas infantis traduzem o ciclo da vida de um modo simbólico e acessível, tornando o tema da morte menos assustador e mais compreensível.

Ao acompanhar personagens que também enfrentam a perda, as crianças podem se enxergar nessas experiências e reconhecer seus próprios sentimentos. Esse processo de identificação é fundamental, pois valida emoções como a tristeza, a raiva, o medo e a saudade. Mostrando que sentir tudo isso faz parte e não precisa ser motivo de vergonha ou silêncio.

Na infância, é comum que a criança passe, em algum momento, pela perda de alguém importante, e essa vivência costuma permanecer gravada em sua memória. A dor gerada por uma morte inesperada não desaparece de imediato, mas vai sendo assimilada ao longo do tempo.

A leitura também pode atuar como uma aliada no processo de cicatrização da ferida. Segundo Ouaknin (1996, p. 46), “a leitura [...] poderá, segundo diferentes modalidades, tornar possível uma reinserção em uma temporalidade em uma temporalidade harmônica na qual o futuro extrai força do passado e na qual a memória dá asas à esperança”.

Essas leituras também criam pontes entre as crianças e os adultos que as acompanham, sejam os pais, professores, biblioterapeutas ou psicólogos. As narrativas funcionam como um início para conversas delicadas, ajudando a abrir espaço para perguntas, reflexões e trocas sinceras sobre a ausência. Dessa forma, os livros infantis transformam o diálogo sobre a morte em um momento de escuta e aprendizado mútuo.

Além disso, muitas histórias mostram personagens que encontram maneiras de lidar com a dor, o que pode inspirar nas crianças atitudes de enfrentamento positivo diante das perdas. Através da literatura, elas descobrem que é possível buscar apoio, conforto e novos significados para continuar vivendo. Ao mesmo tempo, essas obras fortalecem a empatia e a sensibilidade, ensinando-as a acolher e compreender a dor do outro.

Como apontam Farias et al. (2021), a literatura infantil oferece às crianças caminhos simbólicos para compreender o mundo e elaborar suas próprias experiências. As narrativas são construídas de forma metafórica e adaptadas à realidade infantil, tornando possível

expressar temas difíceis com delicadeza e profundidade. Nesse contexto, os autores destacam o papel da biblioterapia como ferramenta de suporte emocional, que utiliza a leitura como meio de aliviar medos, angústias e conflitos internos. Para Farias et al.,

O caráter subjetivo da obra literária contribui na desmistificação do conceito de morte para reduzir a dor da criança que passa uma perda significativa, conforme a interpretação do texto, utilizando expressões eufemísticas no processo de construção de conhecimento, tais como: virou estrela, foi para o céu, foi viajar, dentre outras. (p. 5)

A literatura infantil, aliada à biblioterapia, cria um espaço de diálogo sincero e natural com a criança. As perguntas aparecem conforme surgem as dúvidas, e é nesse momento que a leitura ajuda a organizar sentimentos e pensamentos. Como destacam Cagneti e Zotz (1986, apud PAIVA, 2011) “a leitura é fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si e ao mundo”.

As histórias tem o poder de tocar e sensibilizar quem está passando pelo luto. Nesse contexto, o papel do biblioterapeuta atua como mediador sensível, possibilitando que a criança encontre conforto e reconstrução simbólica diante da perda.

Assim como psicólogos e educadores, biblioterapeutas também participam desse processo mais humanizado, ajudando pessoas enlutadas a reconstruírem o sentido da vida diante da morte, da dor e das perdas. Muitas vezes, é no imaginário criado pelas narrativas que se abre um caminho para ressignificar a experiência e seguir em frente.

Mesmo que os livros já tenham garantido um lugar na educação, especialmente como um recurso pedagógico essencial para o desenvolvimento infantil, ainda há uma lacuna quando o assunto é o luto. A literatura, que tantas vezes nos ensina a sentir, também pode ser uma forma de acolher a dor, através da biblioterapia.

Mas é importante lembrar que a biblioterapia não é o mesmo que uma terapia clínica; ela não substitui o acompanhamento profissional. Ainda assim, pode ser um caminho de cuidado complementar, uma ponte entre o que sentimos e o que conseguimos dizer.

Por isso, a literatura infantil, aliada à biblioterapia, é um recurso poderoso para trabalhar o tema da morte com sensibilidade, acolhimento e humanidade. Ela permite que a criança compreenda que sentir tristeza é natural, que a memória é um lugar que ninguém pode tirar dela e que o amor permanece mesmo quando algum ser se vai.

4 O LUTO NA INFÂNCIA E A LITERATURA INFANTIL

A morte é inevitável, uma parte natural da vida, e junto dela vem o luto, ele é uma experiência universal, que cada pessoa vivencia à sua maneira. No caso das crianças, esse processo ganha contornos específicos. Diferente dos adultos, elas podem ter dificuldades em compreender a irreversibilidade da morte ou em verbalizar seus sentimentos. Por isso, o luto infantil exige escuta, paciência e acolhimento.

É importante saber que as crianças, mesmo muito pequenas, percebem as mudanças em seu ambiente e nos comportamentos das pessoas ao redor. Ainda que não compreendam totalmente o conceito de morte, elas sentem falta, a ausência e o impacto emocional que ela traz. Assim, negar essa vivência não impede a dor, apenas faz com que ela seja vivida de forma solitária.

No contexto social brasileiro, falar sobre a morte ainda é um tabu. Muitos adultos acreditam que proteger as crianças do sofrimento significa evitar qualquer conversa sobre o tema. Contudo, esse silêncio pode gerar ainda mais confusão e medo. Segundo Paiva (2011, p. 25):

Atualmente, a criança não participa do processo de morte e seus rituais. A meu ver, subestima-se a criança alegando-se protegê-la. Para que a criança não sofra, nós a impedimos de olhar para a realidade da vida e suas perdas. Os ganhos são valorizados, e as perdas, muitas vezes, negadas. E, por causa disso, reforçamos a dificuldade de lidar com as várias perdas vivenciadas ao longo da vida, com os valores mais diversos [...] É preciso lembrar que não podemos quantificar a dor, pois é individual, singular e subjetiva.

Muitas vezes, não é a morte em si que assusta a criança, mas o modo como os adultos reagem a ela. A atmosfera pesada, o choro contido e o clima de segredo fazem com que a criança sinta que algo grave aconteceu. Sem explicações claras, o medo pode crescer ainda mais. Por isso, a clareza e honestidade, dentro de uma linguagem acessível, são fundamentais.

Segundo Kovács (1992), é difícil para a criança definir vida e morte, pois ela percebe a morte como ausência de movimento, mas acredita que seja reversível. A autora complementa que,

A dor acompanha as mortes e o processo de luto se faz necessário; a criança também processa as suas perdas, chora, se desespera e depois se conforma como o adulto. Certamente não expressará a sua dor, se não souber que aconteceu uma morte, entretanto a criança percebe que algo aconteceu pois todos estão agindo de uma forma diferente. (1992, p. 4)

O luto não precisa ser silenciado, e sim, acompanhado, nomeado e acolhido com cuidado e com uma linguagem acessível. Pois, conforme Sengik e Ramos (2013, p. 380), “o processo de luto pode ser amenizado quando a criança consegue formar vínculos substitutos”.

Como destaca Paiva (2011), em diferentes momentos da vida nos deparamos com a morte. Trata-se de um tema inevitável, que surge de forma inesperada e costuma trazer muitas dúvidas, especialmente sobre como lidar com a perda. Quando essa experiência envolve pessoas significativas para a criança, o assunto torna-se ainda mais sensível e difícil de ser abordado.

Torres (1979) explica que a forma como a criança entende a morte está diretamente ligada ao seu desenvolvimento cognitivo. As mais novas tendem a perceber a morte como algo temporário, acreditando que quem partiu pode voltar. À medida que crescem e amadurecem emocionalmente, essa compreensão vai se tornando mais real e profunda. Nesse sentido, a autora (1979, p. 10) afirma que “o dado principal das pesquisas já realizadas com crianças sobre a morte é o de que a força da consciência da morte é ativa em todos os níveis de idade. Portanto, a verdade é que não se pode afastar a criança da realidade da morte”.

Isso demonstra que, mesmo que a criança não entenda todos os aspectos filosóficos ou biológicos da morte, ela percebe a finitude de alguma forma, e sente seus efeitos emocionais com intensidade. Ignorar essa capacidade de sentir é desconsiderar a criança como sujeito completo.

Torres (1979) também destaca que embora o conceito de morte possa ser complexo para o entendimento infantil, as crianças são plenamente capazes de sentir e vivenciar as emoções do luto. Mesmo sem compreender todos os aspectos da perda, elas sentem tristeza, medo, confusão e saudade, sentimentos que fazem parte do processo e que precisam ser acolhidos com empatia.

É importante ressaltar que não existe uma fórmula para vivenciar o luto infantil. Cada criança reage conforme sua personalidade, seu vínculo com quem morreu e o modo como os adultos ao seu redor lidam com o tema.

Kubler-Ross (1996) descreve cinco estágios do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Embora esse modelo ajude a compreender as emoções envolvidas, ele não é uma regra. Pedro et al. (2010) reforçam que o processo é singular e depende da idade, das experiências e da rede de apoio de cada pessoa. As crianças, por exemplo, podem demonstrar o luto por meio do comportamento, tornando-se mais retraídas, agressivas ou ansiosas, em vez de expressarem abertamente a tristeza.

De acordo com Bowlby (1970/1997 apud ANTON e FAVERO, 2011), o luto costuma se desenrolar em quatro fases que seguem um padrão geral, embora cada pessoa vivencie essas etapas com diferentes intensidades e durações. O processo se inicia com um estado de entorpecimento, que pode durar de algumas horas a semanas, muitas vezes acompanhado por reações de choque, desespero ou até raiva.

Em seguida, surge o período marcado pela saudade e pela busca pela pessoa perdida, um movimento interno de querer recuperar o ente querido, que pode se esticar por meses ou anos. Nessa etapa, a raiva também pode aparecer com mais intensidade, à medida que a realidade começa a se solidificar.

A terceira fase envolve desorganização e desespero, momento em que é comum o choro, a irritação, acusações involuntárias a pessoas próximas e uma tristeza profunda diante da percepção definitiva da morte, podendo inclusive surgir pensamentos depressivos e a sensação de que nada mais faz sentido.

Por fim, na fase de reorganização, a pessoa enlutada começa a aceitar gradualmente a perda e a perceber que precisa reconstruir a própria vida. Mesmo assim, o autor destaca que emoções como saudade, tristeza e a necessidade da presença do outro podem reaparecer em qualquer momento, já que o luto é um processo contínuo e nunca se encerra por completo.

Ao observar essas fases, fica claro que o luto não há uma receita para ser seguido. Cada pessoa passa esse processo de um jeito muito próprio, e é justamente por isso que compreender essas etapas ajuda a acolher melhor quem sofre. Quando entendemos que o luto é feito de avanços e recuos, conseguimos oferecer mais paciência, escuta e presença. E, nesse cenário, a leitura pode ajudar a suavizar esse processo, oferecendo um espaço seguro para que a criança reconheça e organize o que sente.

Scalozub (1998, apud Franco e Mazorra, 2007) lembra que toda criança enfrenta dificuldades para elaborar a perda de alguém amado, especialmente quando depende emocionalmente dessa pessoa. Como seu psiquismo ainda está em desenvolvimento, a ausência de alguém significativo pode despertar medo e confusão. Nesses casos, a morte pode se tornar uma experiência profundamente estressante para a criança, afetando sua sensação de segurança e abalando seu equilíbrio emocional.

Nesse cenário, a presença de adultos preparados torna-se fundamental. Educadores, psicólogos, biblioterapeutas e responsáveis desempenham papéis complementares no cuidado emocional da criança. Todos podem ajudar a nomear sentimentos, contar a verdade com delicadeza e oferecer espaços seguros para diálogo.

A mediação sensível não significa explicar tudo de maneira técnica, mas traduzir o acontecimento dentro de uma linguagem que faça sentido para a criança. A criança precisa sentir que suas perguntas são válidas, que não está sozinha e que a tristeza que sente é natural. Como afirma Bromberg (1998, apud Sengik e Ramos, 2013, p. 379):

A morte pertence à condição humana. A morte da pessoa amada é não apenas uma perda, como também a aproximação da própria morte, uma ameaça. Todo seu significado pessoal e internalizado é, então, evocado e as vulnerabilidades pessoais a ela associadas são remexidas.

Também é importante considerar as diferenças culturais. Como observa Mendlowicz (2000), na civilização ocidental, há uma tendência de negar a morte, como se evitá-la pudesse nos proteger da dor. Essa negação coletiva acaba interferindo na forma como as crianças aprendem a lidar com a finitude.

Silva e Maia (2022) apontam que, ainda há uma crença equivocada de que as crianças não compreendem a morte e, por isso, o tema deve ser evitado. Contudo, afastá-las dessa realidade pode causar insegurança e medo. Quando o assunto é abordado com honestidade e sensibilidade, elas conseguem assimilar a perda de maneira mais tranquila, encontrando palavras e gestos para expressar o que sentem.

Freud (1917, apud Souza e Pontes, 2016), define o luto como “a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”.

Freud fala de um tipo de perda que não é totalmente consciente, algo que aparece na melancolia. Nesse caso, a pessoa sofre por um objeto afetivo que foi perdido, mas não consegue reconhecer claramente o que foi. É como se essa falta atuasse por dentro, de forma silenciosa, participando do processo de formação do próprio indivíduo.

O luto, portanto, é um processo que tem início a partir da perda e se estende até o momento em que a pessoa consegue elaborar essa experiência. Depois de um tempo voltado à dor e à introspecção, ele retoma gradualmente o vínculo com o mundo externo, colocando de volta sua energia para a vida.

4.1 Como a literatura infantil ajuda a criança a elaborar o luto

A literatura infantil pode desempenhar um papel importante na elaboração do luto pela criança, principalmente ao oferecer uma linguagem simbólica que possibilita nomear sentimentos difíceis de expressar apenas pela fala cotidiana.

As histórias criam um espaço seguro no qual a criança pode observar emoções complexas acontecendo com outras figuras, personagens fictícios funcionam como espelhos sensíveis das próprias vivências internas. Nesse processo, a identificação é um dos elementos mais importantes. Como afirma Caldin (2009),

Nessa apropriação do outro, na identificação com as personagens ficcionais, entra em cena, também, a afetividade que pode ser demonstrada tanto em relação às personagens principais (as quais, na maioria das vezes, representam as qualidades e virtudes), quanto em relação às personagens secundárias (as quais, na maioria das vezes, exploram os vícios e defeitos de caráter). (p. 167)

Compreender que a morte atravessa a infância é reconhecer que esse também é um tema que pertence à criança. Quando tentamos “resguardá-las” escondendo o que aconteceu ou evitando explicações, acabamos criando ainda mais confusão e angústia.

Para Kovács (2007), quando falamos na elaboração do luto, é essencial que a criança receba informações abertas e claras sobre a morte de alguém querido. Quando isso não acontece, ela pode acabar se confundindo, se sentir culpada, assustada ou imaginar situações ainda mais dolorosas. Por isso, não falar abertamente sobre o que aconteceu acaba dificultando ainda mais a compreensão da perda.

Portanto, conversar com honestidade e com acolhimento é essencial. Responder às dúvidas com uma linguagem adequada à idade, sem esconder nem dramatizar, ajuda a criança a organizar suas emoções, nomear o que sente e construir sentido diante do que aconteceu.

Falar sobre a morte também significa romper um tabu profundamente enraizado em nossa sociedade. Para que isso aconteça, é preciso incluir o tema no cotidiano e na educação das crianças, normalizando e desmistificando esse acontecimento que faz parte da vida. Como afirma Azevedo (2003, p. 58):

falar sobre a morte com crianças não significa entrar em altas especulações ideológicas, abstratas e metafísicas nem em detalhes assustadores e macabros. Refiro-me a simplesmente colocar o assunto em pauta. Que ele esteja presente, através de textos e imagens, simbolicamente, na vida da criança. Que não seja mais ignorado. Isso nada tem a ver com depressão, morbidez ou falta de esperança. Ao contrário, a morte pode ser vista, e é isso o que ela é, como uma referência concreta e fundamental para a construção do significado da vida.

Ao falar sobre a morte com as crianças, é importante recorrer a estratégias que realmente as ajudem a entender e a elaborar o que está acontecendo, a literatura infantil é uma dessas estratégias. Por meio das histórias, elas encontram formas simbólicas de compreender a perda, reconhecer sentimentos e perceber que não estão sozinhas no que sentem. Nesse sentido, a literatura se torna um instrumento valioso no processo de elaboração do luto. Conforme Marques (2013),

as histórias têm o poder terapêutico, pois ajudam emocionalmente as crianças que enfrentam suas dificuldades psicológicas. A criança identifica seu mundo real com o mundo mágico da literatura, ocorrendo um vínculo que possibilita a resolução dos conflitos internos. Tal consequência positiva que a história proporciona na vida das crianças nos remete a importância de uma leitura prazerosa (p. 56).

No entanto, é importante lembrar que leituras que abordam a morte podem despertar emoções intensas nas crianças. Por isso, acolher esses sentimentos é parte essencial do processo. É importante que exista um espaço seguro para que elas possam falar sobre o que sentiram, expressar dúvidas, medos ou até mesmo silêncios. Quando esses sentimentos são compartilhados e validados no grupo, a experiência de leitura se transforma em um momento de apoio mútuo e compreensão.

Nesse contexto, o papel do biblioterapeuta é essencialmente relevante. É ele quem conduz a mediação da leitura de forma sensível, garantindo que cada criança seja ouvida e que suas emoções sejam tratadas com cuidado. O biblioterapeuta ajuda a nomear sentimentos que, muitas vezes, a criança ainda não consegue elaborar sozinha, além de promover reflexões que favorecem a resignificação da perda.

Seu trabalho envolve criar um ambiente acolhedor, oferecer textos adequados ao momento emocional do grupo e estimular que a narrativa literária funcione como ponte entre a experiência interna da criança e o mundo simbólico da história. Assim, a presença de um mediador preparado torna o processo mais seguro e significativo, permitindo que a literatura exerça plenamente seu potencial terapêutico.

A literatura também possibilita que a criança vivencie a perda de forma gradual, respeitando seu ritmo emocional. Diferentemente das conversas diretas, que às vezes podem parecer inesperadas, as histórias introduzem o tema de maneira simbólica. As crianças podem observar o luto através dos personagens, metáforas e ilustrações, o que acaba tornando a experiência mais compreensível.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada na presente pesquisa trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, realizada por meio de revisão integrativa, com análise de conteúdo temática dos textos acadêmicos e obras literárias infantis que tratam do tema do luto.

Quanto aos fins, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e descritiva. De acordo com Gil (2008), a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema estudado, enquanto a pesquisa descritiva busca analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulação.

Em relação aos meios, este estudo se configura como pesquisa bibliográfica, fundamentada em materiais já publicados, como artigos científicos, teses, dissertações e livros.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas. A primeira consistiu em um levantamento bibliográfico em bases acadêmicas como: Portal CAPES; BRAPCI; Scielo; BDTD e Google Acadêmico. Foram utilizados descritores como: “biblioterapia”, “mediação da leitura”, “luto na infância”, “literatura infantil e luto”, “desenvolvimento emocional infantil”. Os critérios de inclusão adotados foram: escritas em português, inglês ou espanhol, e que abordassem de forma direta ou indireta os temas de biblioterapia, literatura infantil e luto infantil, contemplando artigos científicos dissertações e teses.

A segunda etapa envolveu o levantamento e análise de obras literárias infantis que abordam, de maneira direto ou simbólica, o tema da morte, do luto e da perda. Os livros infantis foram encontrados em bibliotecas localizadas na cidade de Recife, onde tive acesso a todos de forma física.

A seleção das obras considerou critérios como acesso ao texto integral, presença de elementos simbólicos, linguagem acessível, tratamento sensível da temática da perda e potencial de aplicação em práticas biblioterapêuticas.

As obras literárias infantis foram examinadas de forma descritiva e temática, considerando elementos como o enredo e a narrativa simbólica, a representação do luto e da perda, o potencial de uso em práticas de biblioterapia e a adequação à faixa etária e à linguagem.

Por fim, os objetivos específicos da pesquisa foram diretamente relacionados às etapas metodológicas. Como apresentado no Quadro 2 abaixo.

Quadro 2 - Objetivos específicos e seus procedimentos metodológicos

Objetivos esp.	Procedimentos de coleta	Procedimentos de análise
Estudar o conceito e aplicação da biblioterapia	Levantamento bibliográfico em bases de dados acadêmicas	Revisão bibliográfica
Buscar a interseção entre biblioterapia e literatura infantil no luto	Levantamento bibliográfico em bases de dados acadêmicas	Revisão bibliográfica
Identificar e analisar obras infantis que abordam o luto	Seleção de livros infantis com temática sobre luto e perda	Revisão descritiva e analítica das obras

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

6 A BIBLIOTERAPIA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE DE OBRAS

A literatura infantil tem um papel importante dentro das práticas de biblioterapia, especialmente quando voltada para o desenvolvimento emocional da criança. As histórias permitem que os leitores e ouvintes se reconheçam em personagens e situações, e consequentemente, oferecendo novas formas de compreender o mundo e suas emoções.

O presente capítulo tem como objetivo analisar obras de literatura infantil que abordam temas relacionados ao luto, a tristeza e a perda, com o objetivo de compreender como esses textos podem ser utilizados em práticas biblioterapêuticas voltadas ao acolhimento emocional de crianças.

As obras selecionadas foram: Ficar triste não é ruim: como uma criança pode enfrentar uma situação de perda (Michaelene Mundy, 2001); Menina Nina: duas razões para não chorar (Zirardo, 2005); O pato, a morte e a tulipa (Wolf Erlbruch, 2009) e Tanta chuva no céu (Volnei Canônica, 2020).

Todas apresentadas a seguir foram encontradas em bibliotecas públicas de fácil acesso, como a Biblioteca do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Biblioteca Pública de Casa Amarela e a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

As obras foram selecionadas por apresentarem narrativas que estimulam a reflexão, a empatia e o diálogo sobre sentimentos difíceis, contribuindo para o desenvolvimento emocional. A análise considera aspectos como o enredo, os personagens, a linguagem, as ilustrações, mensagem simbólica das histórias e a acessibilidade, avaliando o potencial de cada obra como instrumento de mediação de leitura e suporte emocional. No total, foram considerados seis critérios, apresentados a seguir:

- a) Enredo e narrativa: o enredo é o fio condutor da história, responsável por envolver o leitor a dar sentido aos acontecimentos. Para crianças em processos de luto, histórias com tramas simples, mas emocionalmente significativas, podem funcionar como espelhos simbólicos, ajudando-os a compreender melhor suas próprias experiências.
- b) Personagens: os personagens têm um papel essencial na identificação e no despertar emocional da criança. Eles funcionam como pontes entre o mundo real e o imaginário. Personagens que expressam sentimentos de perda, saudade e superação podem ajudar no processo de compreensão do luto.

- c) Linguagem: a linguagem literária precisa ser acessível e afetiva, considerando a faixa etária do público. Uma linguagem poética e acolhedora favorece a aproximação da criança com o texto, permitindo que o assunto seja compreendido com menos medo e mais empatia.
- d) Ilustrações: as imagens complementam o texto e ampliam a compreensão da narrativa. Em muitos casos, elas são o primeiro contato emocional da criança com a história. As ilustrações podem expressar sentimentos que as palavras não conseguem traduzir, tornando-se parte essencial do processo de leitura e interpretação simbólica.
- e) Mensagem simbólica: o aspecto simbólico é central na literatura infantil e especialmente importante quando se trata de temas delicados como o luto e a perda. O uso de metáforas, elementos da natureza e símbolos de transformação pode ajudar a criança a compreender o ciclo da vida e a finitude com mais leveza.
- f) Acessibilidade: a disponibilidade integral das obras em bibliotecas públicas foi fundamental para a seleção, garantindo o potencial de aplicação da biblioterapia em instituições educacionais e comunitárias.

6.1 Análise das obras

As obras apresentadas e analisadas neste capítulo revelam como a literatura infantil pode servir de mediadora entre as emoções e o processo de compreensão do luto e da tristeza. Cada narrativa oferece à criança uma oportunidade de reconhecer, acolher e elaborar seus sentimentos.

Em conjunto, os livros apresentam diferentes formas de lidar com a perda mostrando que a literatura infantil é um instrumento essencial na biblioterapia desenvolvimental. Quando mediadas de forma sensível, essas obras se transformam em espaços de diálogo e escuta promovendo autoconhecimento, empatia e equilíbrio emocional.

A análise busca observar como cada história começa, se desenvolve e se encerra, olhando com cuidado para a relação entre os personagens, a forma como temas como a morte, o luto e as perdas aparecem e o jeito como cada um lida com esses temas.

As narrativas infantis se destacam por sua capacidade de oferecer uma linguagem simbólica que possibilita dar nomes a sentimentos que são difíceis de expressar de outra forma. Ao entrar em contato com essas histórias, a criança consegue vivenciar emoções complexas de forma indireta.

Essa experiência, quando alcançada com segurança, permite que a criança aceite as situações difíceis da vida com mais naturalidade. O livro assim, torna-se um elo para lidar com a dor, sendo um recurso essencial para o desenvolvimento saudável. Essa dimensão simbólica, reforçada pelas ilustrações e metáforas, garante que o tema da morte seja traduzido de modo acessível, tornando-se menos assustador e mais compreensível.

A leitura mediada dessas obras possibilita que a criança identifique partes de sua própria experiência nas trajetórias dos personagens. Essa identificação funciona como um ponto de suporte emocional, permitindo que sentimentos difíceis ganhem forma e sentido. A compreensão se torna mais acessível quando a história dá nome ao que a criança ainda não consegue expressar sozinha.

Considerar como cada obra constrói simbolicamente a experiência da perda permite compreender o alcance emocional dessas narrativas. Algumas histórias trabalham com metáforas sutis, enquanto outras são mais diretas, o que pode influenciar no nível de compreensão da criança.

A análise das obras nas subdivisões a seguir será conduzida de forma descritiva e temática, priorizando os elementos da narrativa que mais se destacaram no potencial biblioterapêutico da obra, como metáforas centrais ou abordagem do enredo.

Embora a seleção tenha se baseado nos cinco principais critérios metodológicos (enredo, personagens, linguagem, ilustrações e mensagem simbólica), a análise focou nos aspectos que mais chamaram a atenção na narrativa para ressaltar o suporte emocional que o texto oferece.

Além disso, analisar essas histórias dentro do contexto da biblioterapia comprova como elas contribuem para o amadurecimento emocional infantil. Ao apresentar diferentes formas de compreender sobre a morte e as perdas, cada obra expande o acervo simbólico da criança. Assim, a literatura não apenas acompanha o processo de luto, mas também estimula a capacidade de compreensão.

Foram escolhidas quatro narrativas da literatura infantil e infantojuvenil que tratam da morte, perda e do processo de luto. A seguir, será apresentado um resumo de cada uma dessas obras selecionadas e onde estão localizadas.

Quadro 3 - Obras e seus resumos

Título da obra	Resumo	Local
Ficar triste não é ruim: como uma criança pode enfrentar uma situação de perda	O livro apresenta uma explicação simples sobre o processo de perda, mostrando à criança que se sentir triste é algo natural e que não deve ser escondido.	Biblioteca do Centro de Educação da UFPE
Menina Nina: duas razões para não chorar	A narrativa apresenta a delicada relação entre Nina e sua avó. Após a morte da avó, Nina é tomada pela tristeza, mas descobre duas razões para se consolar: o amor que sente e as lembranças felizes que fica.	Biblioteca Pública de Casa Amarela
O pato, a morte e a tulipa	O livro convida a criança a olhar para a morte sem medo, entendendo-a como algo natural que cumpre seu papel do ciclo da vida. O Pato, ao interagir com a Morte, questiona a finitude e provoca reflexões.	Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.
Tanta chuva no céu	A dor interna é representada pela presença constante da chuva, ajudando a criança a identificar e elaborar sentimentos complexos de forma indireta e simbólica.	Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Por fim, a análise das obras mostrou que o processo de identificação com os personagens é um dos elementos mais importantes para o funcionamento da biblioterapia. Quando a criança se enxerga nas experiências dos personagens, como a Menina Nina, ela percebe que sentimentos como tristeza e saudade são válidos e universais.

Essa identificação facilita a catarse e, posteriormente, a introspecção. É nesse contato com a narrativa que o indivíduo se envolve emocionalmente com o texto ficcional, permitindo a liberação de tensões. Para que isso ocorra, a mediação sensível do biblioterapeuta é essencialmente relevante, atuando como um mediador entre o texto e a vivência emocional da criança. E, é por meio desse diálogo orientado que o livro se transforma em um recurso ativo de comunicação emocional.

6.1.1 Ficar triste não é ruim: como uma criança pode enfrentar uma situação de perda

“Ficar triste não é ruim: como uma criança pode enfrentar uma situação de perda”, de autoria de Michaelene Mundy com ilustrações de R. W. Alley, foi publicado no Brasil em 2001 pela Editora Paulus. É uma obra que dialoga diretamente com a criança, oferecendo explicações claras sobre a tristeza e o processo de perda.

Diferente das narrativas mais simbólicas e metafóricas, o livro tem um tom mais direto, criando uma conversa com a criança que está vivenciando ou tentando compreender o luto. Sua proposta é ajudar a nomear sentimentos difíceis e mostrar que sentir tristeza faz parte da vida e não é algo para sentir vergonha.

Lido de uma forma mediada, o livro oferece uma troca afetiva importante, o adulto pode validar a tristeza da criança, oferecendo segurança emocional e a encorajando a buscar o que está acontecendo por dentro dela. Assim, a obra não apenas ajuda a criança a reconhecer a dor, mas também mostra direções para atravessá-la de forma saudável e sensível. É uma leitura que ensina que a tristeza não é inimiga, é parte da vida.

Figura 1 - Capa ‘ Ficar triste não é ruim’



Fonte: A autora (2025)

6.1.2 Menina Nina: duas razões para não chorar

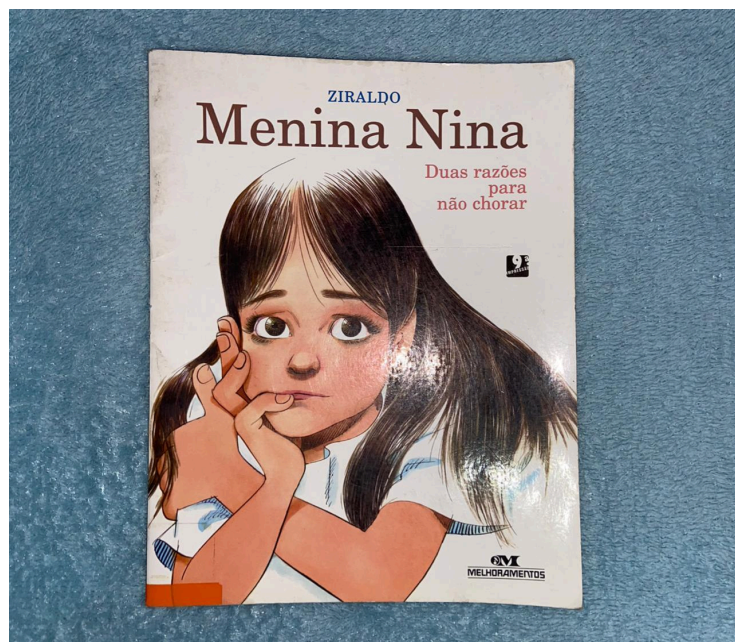
“Menina Nina: duas razões para não chorar” escrito e ilustrado por Ziraldo publicado pela Editora Melhoramentos em 2006. Apresenta uma história delicada sobre a relação entre uma menina e sua avó.

A narrativa se inicia de maneira leve e afetuosa, retratando o vínculo entre as duas e o quanto a presença da avó era importante para Nina. Quando a avó morre, a menina é tomada pela tristeza diante da perda. Contudo, ao longo da história, ela encontra duas razões para não chorar: o amor que sente e as lembranças felizes que permaneceram.

O autor aborda o tema do luto infantil com grande sensibilidade e com equilíbrio entre o peso da perda e as lembranças que ficam. A narrativa é repleta por um ambiente acolhedor, que transforma a ausência em uma oportunidade de reflexão sobre o amor e a permanência simbólica daqueles que se foram.

As ilustrações coloridas e expressivas ajudam a suavizar o tema, permitindo que a criança se identifique com os sentimentos de Nina sem medo. A obra pode ser trabalhada como instrumento para ajudar crianças a compreenderem que o amor não desaparece com a morte. Em sessões mediadas, o biblioterapeuta pode propor conversas sobre memórias boas, elaboração de cartas ou desenhos para a pessoa que partiu.

Figura 2 - Capa ‘Menina Nina’



Fonte: A autora (2025)

6.1.3 O pato, a morte e a tulipa

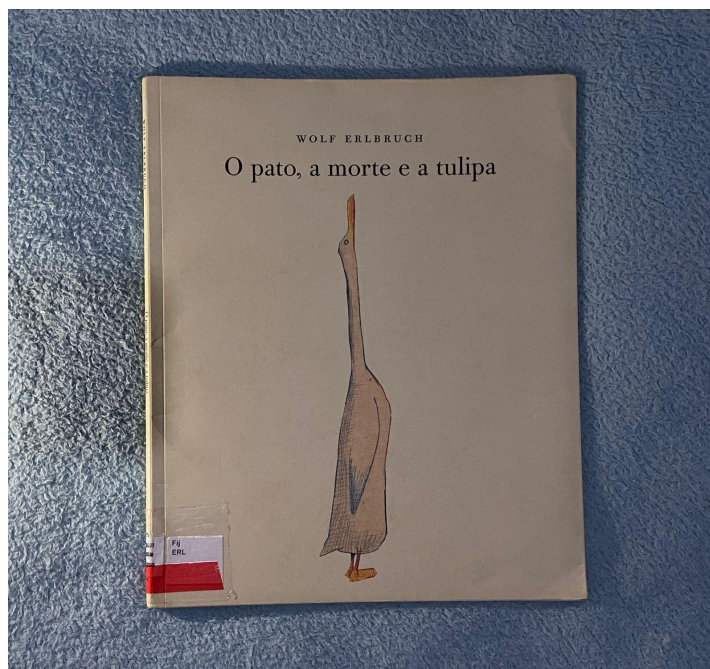
“O pato, a morte e a tulipa” diferente dos outros, com ilustrações minimalistas que reforçam a delicadeza do tema, este livro aborda diretamente o tema ‘morte’. Com autoria e ilustração de Wolf Erlbruch e publicado pela Editora Cosac Naify.

Esta obra infanto-juvenil traz uma história curta, que a narrativa nos convida a olhar para a morte sem medo, entendendo-a como algo natural, que faz parte do mesmo ciclo que nos faz nascer e mudar. A obra mostra que não é preciso fugir desse tema, nem tratá-lo como inimigo. A morte está ali, tranquila, apenas lembrando que tudo tem seu tempo, assim como as folhas caem quando o vento sopra, ela apenas cumpre o seu papel no movimento da vida.

O pato acaba funcionando como um reflexo muito humano diante da ideia da morte. Ele faz perguntas que qualquer pessoa faria, revelando inquietações profundas sobre o que existe depois do fim. Já a morte, com um tom mais direto, tenta não oferecer respostas prontas. Pelo contrário, ela provoca ainda mais questionamentos

É uma obra rica justamente porque ela abre espaço para muitas reflexões. Quando lida junto com um biblioterapeuta, a experiência se torna ainda mais significativa. O mediador ajuda a ampliar as perguntas, acolher os sentimentos que surgem e guiar a criança nesse processo de pensar e sentir a morte de um jeito mais compreensível e menos assustador.

Figura 3 - Capa ‘O pato, a morte e a tulipa’



Fonte: A autora (2025)

6.1.4 Tanta chuva no céu

“Tanta chuva no céu” é um livro infanto-juvenil escrito por Volnei Canônica e ilustrado por Roger Ycaza, publicado pela Editora do Brasil em 2020. A obra aborda, de forma poética e metafórica, sobre a perda representada pela presença constante da chuva.

A história utiliza da metáfora da chuva para representar o choro, a saudade e o tempo necessário para que as emoções encontrem seu lugar. Assim como o céu às vezes se enche de nuvens, o coração também passa por períodos nublados e chuvosos. A metáfora não diminui a dor, mas ajuda a torná-la compreensível.

Ao contrário de histórias que tratam a morte de forma direta, Tanta chuva no céu escolhe uma abordagem metafórica e calma. A ausência é tratada como poesia, mostrando que o luto não precisa ser explicado apenas racionalmente, ele também pode ser sentido, vivido e simbolizado. As imagens da chuva, do céu, das memórias e da saudade constroem um caminho emocional que ajuda a criança a entender que a dor tem tempo, mas que ela também pode se transformar,

O livro oferece um espaço para que a criança se identifique com os sentimentos que são representados. A chuva que cai no livro pode ser a mesma que cai dentro dela. Essa identificação ajuda a perceber que sentir tristeza não é errado.

Figura 4 - Capa ‘Tanta chuva no céu’



Fonte: A autora (2025)

6.2 Interpretação dos resultados

As quatro obras infantis analisadas mostram o potencial da literatura infantil para tratar simbolicamente de temas difíceis como a morte, o luto e as perdas. Os livros, mesmo abordando o tema da perda de formas diferentes, desde a perda emocional metafórica como em ‘Tanta chuva no céu’ até a morte em si como retratado em ‘O pato, a morte e a tulipa’, possuem em comum um significativo potencial biblioterapêutico para acolher crianças.

Para que esse potencial seja realmente transformado em cuidado e suporte emocional, a mediação do biblioterapeuta é essencial. Essa prática se aplica na biblioterapia desenvolvimental, sendo um auxílio literário personalizado, ideal para ser aplicado em instituições educacionais e bibliotecas.

O processo de mediação se sustenta nos três elementos essenciais descritos por Caldin (2009), catarse: o encontro com a palavra que proporciona um tipo de libertação emocional ou alívio de tensões, identificação: o momento em que o leitor reconhece em um personagem ou situação sentimentos e vivências de si mesmo, ajudando-o a sentir que não está sozinho e introspecção: o processo de reflexão e educação das próprias emoções decorrente de interação com o texto.

Ao simular essas mediações, esta subseção se determina como um recurso prático, demonstrando que a biblioterapia não se limita à indicação de leitura, mas é um ato de mediação que usa a literatura para facilitar a expressão de emoções e a transformação pessoal.

A seguir, apresento a simulação do procedimento de mediação para as obras analisadas, considerando a abordagem inicial e a motivação, o momento de leitura e a conversa pós-leitura, focada na identificação e introspecção. O mediador deve sempre manter uma postura de escuta atenta, sensibilidade e empatia, sem impor crenças.

6.2.1 Mediação de Ficar triste não é ruim: como uma criança pode enfrentar uma situação de perda

O livro escrito por Michaelene Mundy e ilustrado por R. W. Alley, foca na normalização da tristeza e na apresentação de estratégias para o enfrentamento de perdas.

- a) Abordagem e motivação: a mediação é iniciada com o título da obra, validando a tristeza como uma emoção válida. A motivação é ajudar a criança a descobrir que é

normal e saudável sentir tristeza e que existem formas de lidar com ela quando uma perda acontece.

- b) Momento da leitura: a narrativa, ao mostrar personagens vivenciando a perda e utilizando formas de enfrentamento, desenvolve a identificação. Isso permite à criança reconhecer que o que sente é parte de um processo comum, aliviando a solidão emocional.
- c) Pós-leitura: o mediador pode fazer perguntas como: “quais formas de expressar a tristeza o livro nos mostrou?” e “o que você faz para lidar com a saudade?”. O livro serve como um guia para que a criança, através da introspecção, possa desenvolver formas de regular suas emoções, transformando a leitura em um recurso ativo de compreensão emocional.

6.2.2 Mediação de Menina Nina: duas razões para não chorar

A obra escrita e ilustrada por Ziraldo, aborda o luto pela perda da avó de forma afetuosa, focando na permanência do amor e das lembranças.

- a) Abordagem e motivação: o biblioterapeuta inicia a sessão incentivando as crianças a falarem sobre as pessoas especiais em suas vidas e as memórias que guardam delas. A motivação para a leitura foca em apresentar a história de Nina, que, embora triste pela perda de alguém fundamental, encontra duas razões para se confortar: o amor que sente e as lembranças felizes que ficam.
- b) Momento da leitura: o mediador pode focar na descrição do vínculo entre Nina e sua avó, permitindo que as crianças que vivenciaram perdas ativas o processo de identificação. As ilustrações coloridas e expressivas auxiliam a suavizar o tema, e o reconhecimento da dor de Nina facilita a catarse.
- c) Pós-leitura: o diálogo pode se direcionar para perguntas como: “quais são as duas razões que Nina encontra para não chorar?” e “o que memórias significam para você?”. O mediador pode ir além do texto, sugerindo atividades como desenhos ou

cartas para a pessoa que partiu. Isso estimula a introspecção, ajudando a criança a compreender que o amor não desaparece com a morte.

6.2.3 Mediação O pato, a morte e a tulipa

Esta obra escrita e ilustrada por Wolf Erlbruch é uma narrativa poética e filosófica que aborda diretamente a morte, fazendo o leitor olhá-la como algo natural.

- a) Abordagem e motivação: o mediador deve apresentar o livro como um convite para conversar sobre a finitude de maneira delicada. A motivação é explorar as perguntas do Pato, que são as mesmas perguntas que todos nós fazemos.
- b) Momento da leitura: o foco da leitura está no diálogo entre o Pato e a Morte. A criança, identificando-se com a curiosidade e medo do Pato, pode vivenciar a catarse. O mediador pode utilizar a linguagem direta e as ilustrações minimalistas, que reforçam a delicadeza e a aceitação do ciclo da vida.
- c) Pós-leitura: na conversa o mediador deve buscar saber coisas como: “o que você sentiu ao ler sobre a Morte?” ou “o que acontece depois do fim?”. O livro é cheio de questionamentos, e o biblioterapeuta atua diversificando essas perguntas e acolhendo os sentimentos que surgem. Essa discussão facilita a introspecção e a resignificação da dor, permitindo que a criança comece a assimilar a morte como um processo natural, tornando-a menos assustadora.

6.2.4 Mediação Tanta chuva no céu

Essa obra escrita por Volnei Canônica e ilustrada por Roger Ycaza, utiliza a metáfora da chuva para simbolizar a tristeza profunda, se tratando sobre perdas.

- a) Abordagem e motivação: o mediador pode iniciar perguntando: “para você, como é um dia de chuva? Te dá qual sensação?”. A motivação é validar que a tristeza, assim como a chuva, é um processo que precisa ser vivido e que termina.

- b) Momento da leitura: o mediador pode enfatizar a linguagem poética e os símbolos de vazio ou dor. A utilização de símbolos na narrativa infantil permite que a criança encontre formas de expressar sentimentos difíceis de serem verbalizados, facilitando a catarse.
- c) Pós-leitura: o mediador pode seguir para perguntas como: “que momento da história mais parecido com algo que você já viveu?”. Caldin (2009) aponta que a biblioterapia inclui além de conversas acolhedoras, atividades criativas, como desenhos e pequenos relatos. Ao propor que a criança desenhe ou relate sua chuva interna, o mediador estimula a introspecção ajudando a criança a dar nome ao que sente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discutido ao longo desta pesquisa, o objetivo foi compreender como a biblioterapia e a literatura infantil podem ajudar crianças a lidar com a morte, o luto e outras experiências de perda, teve como referência os conceitos de biblioterapia e o papel do mediador no processo de leitura.

A escolha pelo tema nasceu da percepção de que a infância também é atravessada por dores, dúvidas e despedidas. Por isso, buscar sobre o poder simbólico das histórias e a mediação da leitura foi algo além do que apenas cumprir um requisito acadêmico. Tornou-se um gesto de cuidado, buscando nomear as sensibilidades que encontrei na minha própria história e que hoje sei que são universais na infância.

Assim, a intenção deste estudo foi mostrar que falar sobre a morte com crianças não precisa ser algo distante, pesado ou proibido, mas sim um gesto de cuidado e acolhimento. E que os livros podem ser a ligação para tratar desses temas mais sensíveis, de forma cuidadosa.

Por meio da revisão de literatura e da análise das quatro obras selecionadas, foi possível perceber como cada narrativa cria um espaço representativo próprio para que a criança reconheça suas emoções, se identifique com os personagens e encontre, nos livros, uma forma segura de dar sentido ao que está vivendo.

Os objetivos específicos desta pesquisa foram alcançados. Podendo compreender o conceito de biblioterapia enquanto prática de mediação, identificar competências necessárias ao mediador e analisar como a literatura pode contribuir para o desenvolvimento emocional das crianças. A simulação das mediações propostas também reforçou o papel essencial do biblioterapeuta, que atua como ponte entre as histórias e vivência emocional da criança, oferecendo conforto, escuta e orientações que tornam o processo mais seguro e significativo.

Algumas dificuldades acompanharam este percurso. A produção acadêmica brasileira sobre biblioterapia voltada especificamente para o luto infantil ainda é limitada, o que me levou a buscar referências de diferentes áreas e propor interseções entre elas. Mesmo assim, realizar este trabalho foi de extrema importância. Como estudante de Biblioteconomia, pude perceber o quanto nossa área também alcança profundidades emocionais e humanas que vão muito além da organização de acervos, nos tornando cuidadores através das palavras.

A biblioterapia aparece, aqui, como um campo poderoso e necessário, especialmente quando pensamos em crianças que estão vivendo perdas e não sabem ainda como nomear o que sentem. A literatura infantil com sua força, oferece uma forma para que essas emoções sejam reconhecidas e válidas.

Espero que este estudo consiga incentivar novas pesquisas que aproximem ainda mais a biblioterapia, a mediação da leitura e o cuidado emocional na infância. E que possa inspirar bibliotecários, educadores, psicólogos e mediadores de leitura a ver na literatura infantil não somente uma ferramenta pedagógica, mas um espaço de afeto, diálogo e reconstrução emocional.

Por fim, esta pesquisa conclui que a biblioterapia, quando em conjunto com a literatura infantil, abre um espaço seguro e delicado para ajudar a criança a atravessar o luto. As histórias funcionam como um lugar seguro para que ela possa reconhecer o que está vivendo e perceber que não está sozinha. Nesse processo, a mediação intencional facilita a catarse, identificação e introspecção, permitindo que a criança aceite melhor a tristeza como um sentimento natural e ressignificando a dor, entendendo que o amor e as lembranças permanecem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Inês Isabel Pinto Bastos de. **Emoções-Um Projeto para o Desenvolvimento Socioemocional em Idade Pré-Escolar**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra (Portugal).
- ANTON, Márcia Camaratta; FAVERO, Eveline. **Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros**. *Interação em Psicologia*, v. 15, n. 1, 2011.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- AZEVEDO, Ricardo. **Contos de Enganar a Morte**. São Paulo: Ática, 2003
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em criança. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 157-170, 2002.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. Florianópolis, 2009.
- CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CARVALHO, Geyse Maria Almeida Costa de. A leitura como tratamento: diversas aplicações da Biblioterapia. **AMazônica**, v. 4, n. 1, p. 80-87, 2010.
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- COSTA, Aline de Cássia da. **A importância da Literatura Infantil no desenvolvimento da criança: uma revisão bibliográfica**. Ipameri, 2020.
- CRUZ, Maria Aparecida Lopes da. **Biblioterapia de Desenvolvimento Pessoal: um programa para adolescentes de periferia**, Campinas, 1995.
- FARIAS, Rosa Carmem Rodrigues de; FARIAS, Raquel Ruth; LEAL, Salma Suellen Ingelsrud; RODRIGUES, Érica Vanessa. Luto na infância: A perda através da literatura infantil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. e16110816908-e16110816908, 2021.
- FERREIRA, Danielle Thiago. **Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. ETD: Educação Temática Digital**, v. 4, n. 2, p. 3, 2003.
- FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 24, p. 503-511, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOVE, Philip Babcock. **Webster's third new international dictionary of the English language**, unabridged. Merriam-Webster, 1981.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Perdas e o processo de luto**. São Paulo: Editora Comenius, 2007.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

MARQUES, Patrícia Regina Moreira. **Pedagogia da Morte: A importância da educação sobre o luto nas escolas**. São Paulo: Fonte editorial, 2013.

MARQUES, Renata da Silva. **Desenvolvimento socioemocional na educação infantil em diálogo com a pedagogia Inaciana**. Porto Alegre, 2018.

MENDES, Teresa; VELOSA, Marta. Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. **Pro-posições**, 27 (2), 2016.

MENDLOWICZ, Eliane. O luto e seus destinos. **Ágora: Estudos em teoria psicanalítica**, v. 3, p. 87-96, 2000.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PAIVA, Lucélia. **A arte de falar da morte para crianças**. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2011.

PEDRO, Ana; CATARINO, Andreia; VENTURA, Diogo; FERREIRA, Fabiana; SALSINHA, Helena. **A Vivência da Morte na Criança e o Luto na Infância**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2010.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

RATTON, Ângela M. L. **Biblioterapia**. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, 1975.

ROSA, Aparecida Luciene Resende. **As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a Biblioterapia**. Três Corações, 2006.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. *Bibliotherapy: an experience with patients interned in medical clinica* p. 155-170. **Revista ACB**, v. 11, n. 1, p. 155-170, 2006.

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto. Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 379-387, 2013.

SILVA, Any Caroline Lopes da; MAIA, Hélio José Santos. O luto e a criança: uma revisão da literatura acerca dessa experiência na infância. **OPEN SCIENCE RESEARCH VI**, v. 6, p. 1034-1053, 2022.

SILVA, Valdemir Bezerra da; FERNANDES, Janaína da Silva Gonçalves. Biblioterapia no Brasil: revisão integrativa de literatura de 2019 a 2021. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 28, n. 4, p. 2, 2023.

SOUZA, Andressa Mayara Silva; PONTES, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 5, n. 9, p. 66-85, 2016.

TORRES, Wilma da Costa. O conceito de morte na criança. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 31, n. 4, p. 9-34, 1979.

VYGOTSKY, L.S. **Obras escogidas**. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C.; Visor Distribuciones, S.A., 1991.

Zilberman Regina. **A literatura infantil na escola**. 6 ed. São Paulo: Global, 1987.